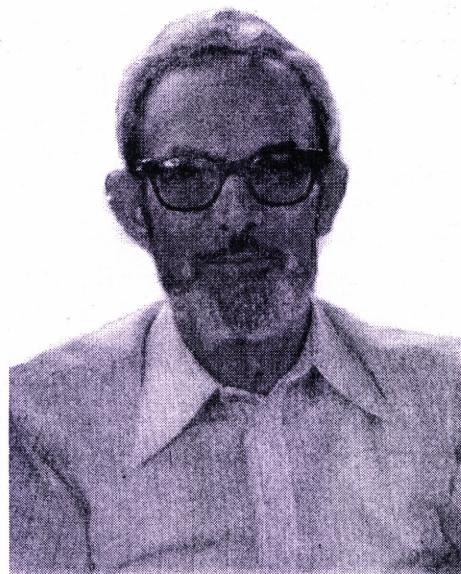


37B251

**Sr. FRANCISCO MANUEL PIRES**

1997

**Salesiano Coadjutor**



*"Espero-vos a todos no céu" (Dom Bosco)*

Queridos Irmãos:

No dia 24 de Julho faleceu no Hospital de S. Francisco Xavier, em Lisboa, o nosso irmão Sr. Francisco Manuel Pires, salesiano coadjutor, com 79 anos de idade e 60 de profissão religiosa, membro desta Delegação Salesiana de Moçambique.

Chegou a Moçambique em 1952, integrado na expedição missionária que trazia o encargo de reiniciar a presença salesiana em Moçambique, e todos o considerávamos o nosso "patriarca", como mais veterano. Desde a sua chegada, deu-se totalmente, como religioso educador, ao bem da juventude deste país, sendo professor e educador muito estimado, com grande competência e dedicação.

Tínhamos previsto celebrar, neste ano, com certa solenidade as suas "Bodas de Diamante" de profissão religiosa e, com este motivo, estávamos a preparar a publicação dum pequeno livro com testemunhos sobre a sua pessoa. Ele mostrou-se sempre reticente a estes nossos preparativos e a qualquer manifestação de honraria para com a sua pessoa. Dizia que não era necessário e que não havia mérito da parte dele. E conseguiu o seu propósito: foi-se da nossa presença em silêncio, sem grandes festas, sem incomodar a ninguém.

Façamos memória dele, para melhor o imitar e seguir os seus passos. Cada um de nós tem uma imagem do Sr. Pires, rica de lembranças, que eu não me atrevo a suplantar. Quero, somente, com estas palavras, avivar o que já está nos nossos

corações para, juntos, fazermos memória agradecida dele, darmos graças ao Senhor pelo dom que nos concedeu na sua pessoa e nos sentirmos animados a imitá-lo no mesmo esforço de fidelidade.

## 1. Passos duma vida

O Sr. Francisco Pires nasceu no dia 7 de Agosto de 1918, em Constantim, Miranda do Douro (Portugal), no seio duma família simples, trabalhadora e rica em virtudes humanas e em sentido de fé. Os laços familiares mantiveram-se sempre muito vivos nele, através do tempo e apesar da distância. Na correspondência periódica dos familiares notava-se quanto estes o acarinhavam e lhe queriam. Este afecto era correspondido pelo Sr. Pires quem, nesta última ida de férias, mesmo com a saúde já quebrantada, tinha previsto ir visitar a irmã e demais familiares em Sevilha (Espanha) e um sobrinho que há muitos anos não via, na Madeira.

Com catorze anos, entrou no Aspirantado de Poiares da Régua, em 1932. Fez o noviciado no Estoril em 1936-37 e professou nas mãos do P. Hermenegildo Carrá no dia 24.09.1937. Ao terminar os estudos de filosofia, foi escolhido para assistente dos noviços, sendo Mestre o P. Humberto Pasquale. Em todos estes anos de Aspirantado, Noviciado e Pós-noviciado, na opinião dos seus colegas, o Sr. Pires “foi sempre bom aluno, mas não sobressaiu de modo a dar nas vistas. Era reservado e humilde” (P. Eladino Alves); “o seu procedimento aos olhos de todos foi sempre o de um jovem cumpridor do dever, habitualmente bem disposto, amigo de ajudar e de ser útil” (P. Amador dos Anjos).

Ao terminar o tirocínio, em 1943, com grande surpresa dos seus colegas, decidiu não seguir para a Teologia e permanecer como salesiano coadjutor. Lembra o P. Manuel Agostinho Ferreira: “Em 1943, comecei o estudo da Teologia, e —com grande impressão minha — o Francisco Pires não alinhou connosco: tinha optado por ser irmão coadjutor. Eu nunca soube bem o porquê dessa resolução. Respeitei a sua atitude... Sempre considerei o Francisco Pires como pessoa inteligente, séria, bondosa, responsável, generosa”. Por sua vez o P. Eladino: “Quando íamos para a Teologia, ele chamou-me à parte e disse-me: -“Não vou para a teologia!” Fiquei surpreendido e perguntei-lhe: - Porquê?. Ele não gostou da minha pergunta e disse-me: “Também és curioso...!”. Eu fiquei calado. Esta resposta dele deixou-me sem poder dizer-lhe mais nada. Vi que era segredo, que ele não queria convidar comigo. Ele ficou sempre como professor salesiano. Muito estimado, porque tem um temperamento bom, feliz e harmonioso”.

Já depois de ter feito a sua profissão perpétua, desenvolveu várias actividades nas Casas salesianas de Mogofores, Estoril, Lisboa, Évora, Vila do Conde e Izeda. Em 1952 partiu para Moçambique, fazendo parte do grupo que iniciou a presença salesiana na escola profissional “Instituto Mouzinho de Albuquerque”,

na Vila da Namaacha, onde trabalhou até 1955, ano em que foi chamado a Portugal. Nos anos que se seguem, vamos encontrá-lo a exercer a actividade salesiana em Lisboa e em Izeda. Nas “Oficinas de São José” de Lisboa o Sr. Pires realizou as funções de encarregado da contabilidade, secretário e, mais tarde, conselheiro de internato. Todos o lembram como uma pessoa delicada, muito exacto no cumprimento do seu dever, e sempre disposto a ajudar os outros... Em palavras do Provincial, P. Simão Cruz: “O meu conhecimento (do Sr. Pires) remonta aos tempos em que eu era estudante de filosofia em Manique, nos anos 60, e acontecia passar, de vez em quando, pelas Oficinas de São José, em Lisboa. Deparava-me com uma comunidade numerosa de salesianos, com uma presença notável de irmãos coadjutores. De entre eles destacava-se o Sr. Pires, que sempre acolhia com sorriso nos lábios e mostrava, sem muitas palavras, um ar feliz numa vida simples, dedicada, fiel ao trabalho. Comecei a ver nele a imagem do “bom” coadjutor que Dom Bosco idealizava e, felizmente, encontramos na nossa Província em modelos claros e variados. À distância, posso imaginar-me a colaborar lindamente com um irmão assim, com quem me sentiria à vontade e animado na vocação comum salesiana”

A sua vocação missionária trouxe-o de novo para Moçambique. De 1967 a 1978 trabalhou, quase exclusivamente no “Colégio Dom Bosco”, da então cidade de Lourenço Marques (Maputo), como encarregado da Secretaria, administrador e professor. Lembra o P. José Adolfo: “Nesta obra, o Sr. Francisco Pires, foi sempre uma pedra chave. Apesar das carências que uma obra nova sempre comporta, nunca o ouvi queixar-se de nada nem de ninguém. Executava as suas tarefas de administrador e encarregado da secretaria com zelo, simplicidade e competência. Era ele quem orientava também a papelaria e o pequeno bar do Colégio. Como se isto não chegasse, era um exímio e exigente professor da disciplina de português ao ciclo Preparatório. Nos exames finais, era a nota de português que ajudava a subir a média geral dos alunos... Apesar de multifacetado, o seu trabalho era eficiente; é que ele era realmente muito ordenado. Além disso, comportava-se com toda a gente como um verdadeiro “gentelman”. Gozava de grande consideração junto dos pais dos alunos; era junto dele que gostosamente vinham colher informações sobre a vida dos filhos no Colégio. Ele a todos atendia com extraordinária educação e paciência, como se nada mais tivesse que fazer. Um perfeito cavalheiro!”.

Em 1975, logo após a independência do país, com a implantação dum regime marxista e a nacionalização das Escolas, o ambiente social enrareceu e a Igreja Católica começou a ser particularmente alvejada. Muitos missionários, não conseguindo aguentar o novo estado de coisas, retiraram-se. O Sr. Pires foi daqueles que decidiu ficar, adaptando-se às novas circunstâncias e aceitando correr a sorte do povo nos momentos de dificuldade. Nestes anos, à seguir a independência, o Sr. Pires entrou a formar parte no quadro de professores do ensino estatal, leccionando nas Escolas “Francisco Manyanga” e “Escola

Secundária de Lhanguene”, onde a sua competência e dedicação foi sempre todo um exemplo e fez dele um professor muito estimado por alunos e colegas.

A partir de 1990, a idade e a saúde um tanto quebrantada, levaram-no, muito à seu pesar, a deixar a actividade do ensino oficial, ficando mais dedicado à atenção da Comunidade da Casa da Delegação, onde empregou todas as suas energias e o seu bem fazer em atender os Irmãos e os mil detalhes da vida da Casa.

## **2. Uma vocação realizada**

Uma vida vale não tanto pelo número de anos, quanto pela intensidade e pelo sentido com que se vive. Assim, podemos dizer que a vida do Sr. Pires foi uma vida plenamente realizada. Olhando para as diversas etapas da sua vida, vemos que as soube viver, em circunstâncias diferentes, na referência e no contexto dum “religioso educador”.

Tanto no período colonial, como a partir da independência do país, o sentido de “religioso educador” permitiu ao Sr. Pires mostrar-se sempre o mesmo: bem adaptado, activo, disponível...Em palavras do Sr. Francisco Oliveira: “Nele não se encontram altos e baixos; é todo ele igual a si mesmo; o homem metódico, sempre pontual e que se esmera em qualquer trabalho que faça: ‘é melhor não fazer do que fazer de qualquer maneira’”

Descobrem-se os efeitos deste “viver com sentido” a própria vida, sobre tudo, na última etapa da sua vida, quando a idade e a pouca saúde já não lhe permitiam levar o ritmo e a actividade anterior como professor, tendo de se limitar ao espaço físico da Casa da Delegação. Mas, é precisamente aí, nesse momento de limitação das forças, que sobressai e se abrilha a figura do Sr. Pires. Pode-se dizer que ele soube viver em cheio a sua “terceira idade”, dentro das limitações e dos condicionamentos que a saúde lhe impunham. Foi nestes últimos anos que a sua figura e a sua personalidade melhor se rebelaram. As suas qualidades de homem delicado, humilde, serviçal, soube-as aplicar aos mil detalhes da vida comunitária, mostrando-se solícito em atender a todos e a tudo. Só com a sua presença enchia a Casa e criava comunidade. Após a sua morte, percebemos melhor a densidade da sua presença e o vazio que ficou. Deixou saudades em todos nós.

Podemos ver isto confirmado nos diversos testemunhos que os irmãos deram por escrito, como contribuição para o livro que estávamos a preparar sobre a sua pessoa. Todos são concordes. Têm a sinceridade e a transparência de estar escritos em vida dele e sabendo que iam ser lidos por muitos outros e por ele mesmo. Tomamos um deles, o do P. Júlio Rosa:

“Há muitos anos que conheço o Sr. Pires. Nas minhas vindas a Maputo, foi sempre a Casa Dom Bosco que me acolheu e sempre que bati à sua porta, a

figura que logo aparecia era a do Sr. Pires, sempre de cara alegre e soridente a abrir-nos a porta e a receber-me de braços abertos e com tal amizade e alegria que a sua presença era um dos melhores lenitivos para aliviar as minhas canseiras e preocupações que por vezes carregava e vinha compartilhar com os meus Superiores”

“Durante muitos anos da sua vida, o Sr. Pires exerceu o ministério de professor em Moçambique, quer nos colégios salesianos quer nas escolas do Estado. E que professor! Todos o admiravam! O seu esforço e empenho para que os alunos aprendessem bem a língua portuguesa granjeou-lhe tal estima e apreço, quer da parte dos alunos, quer da parte dos professores seus colegas e até da própria direcção da Escola, que muitos ainda hoje o procuram para solucionar as suas dificuldades. Muitos recordam ainda os seus bons modos, a sua paciência, as suas capacidades. Mas alem de ter sido o bom e exemplar professor, ele foi sobretudo um bom educador. Por isso, não admira que por vários anos seguidos, querendo a Direcção da Escola distinguir alguns professores no final do ano lectivo com alguns prémios e distinções — a “emulação socialista”— o Sr. Pires foi sempre um daqueles que aparecia logo nos primeiros lugares da lista. Ser educador dos jovens foi a missão que ele muito estimou e dignamente desempenhou como digno filho de Dom Bosco”

“Por isso, grande foi a sua dor quando a falta de saúde e as forças já bastantes débeis o obrigaram a retirar-se do ensino que só por obediência deixou. Mas, a bela lição que dera lá ficou e muitos não a esquecerão jamais”.

“Tendo o Sr. Pires deixado o ensino, começámos então a vê-lo ocupado com os afazeres mais humildes da casa. Ele faz de roupeiro, despenseiro, porteiro, telefonista; é ele que trata dos cães e de tantas outras coisas que a Casa Dom Bosco, no Maputo, comporta, como sede da Delegação Salesiana em Moçambique e como centro de acolhimento, quer de salesianos, quer de amigos que por ali passam”.

“No desempenho daquelas funções, que sempre exerceu com olho tão experto e serviços tão prestáveis, eu vi sempre o Sr. Pires em movimento. As forças parecem já não ser muitas, mas ele sempre lá aparece e prontamente, arrastando, por vezes os seus pés, sempre disponível a todos socorrer. A estima que nutre por todos os Irmãos é tal que ele nunca deixa de ser o primeiro a ver se tudo está pronto no refeitório, na cozinha para as diversas refeições. Ele põe a mesa, ele carrega a água, o pão, a terrina da sopa, a comida... Terminada a refeição, não deixa, também, de ser sempre o primeiro a levantar a mesa e deixar tudo limpo e em ordem”.

“Durante os muitos anos que com ele convivi, nunca o vi zangado, como também nunca notei que alguns irmãos ou outra pessoa tivesse qualquer animosidade contra ele. Com a sua humildade, a sua paciência e os seus modos afáveis, o Sr.

Pires a todos cativava. A alguém que merece uma palavra mais forte ou uma repreensão ele sabe dá-la de tal modo e com tão bons modos que transforma os corações por vezes bem duros e frios em corações dóceis e afáveis”.

### **3. Um sinal na estrada**

Nestes anos, a nossa Delegação de Moçambique está a viver um tempo de “refundação” da presença salesiana, depois de anos de guerra e dificuldades. Com o esforço de todos os irmãos e a ajuda da Congregação estamos a dar um rosto mais educativo, juvenil e salesiano às nossas Obras.

É neste contexto que devemos saber ler a vida e a morte do nosso querido irmão Sr. Pires. Todos pudemos comprovar como ele não teve reticências em juntar-se aos nossos esforços nesta nova fase de implantação da presença salesiana. Com que prontidão e disponibilidade participava nos encontros e reuniões de formação, falando mais com a sua presença do que com as palavras. Também a sua morte, neste momento em que somos poucos e precisamos de todos, deve ser lida como um chamamento a pôr a nossa confiança mais na Providência do que nas nossas próprias forças.

Na vida do nosso irmão Sr. Pires encontramos um “sinal na estrada”, um ponto de referência para olhar e seguir na direcção correcta. Assim o manifestam tantos testemunhos. O Provincial, P. Simão Cruz diz: “A sua bondade, o seu espírito simples e pobre, desprendido, permanentemente atencioso, fez dele um dom aos irmãos nas comunidades por onde passou e trabalhou (e sabe Deus com que dedicação!), onde viveu com o seu permanente sorriso nos lábios, na sua doação total ao Senhor, aos jovens e aos irmãos. Era vê-lo a movimentar-se lentamente já na sua muita idade, mas proporcionando aos irmãos da casa e aos que chegasse, um ar feliz de acolhimento e bondade que enchia a casa da sede da Delegação salesiana em Maputo, Moçambique. Fazendo-se despercebido a todos, mas não despercebido de nenhum, sem alaridos, sem rasgos espampanantes, para qualquer que chegasse era uma “aparição”: naquele silêncio todo havia um coração bondoso, um sorriso acolhedor, um café uma bebida fresca, dois dedos de conversa...A bondade em pessoa! Era esta a imagem dos últimos anos da sua vida. E que não era só a imagem do “velhinho”, do “patriarca”, do “missionário histórico”. Era a imagem, sim, do Sr. Francisco Pires, que era o resultado de uma atitude permanente plasmada ao longo dos anos nos lugares onde foi salesiano de corpo inteiro, nos lugares onde trabalhou com a mesmíssima dedicação em cada minuto, sem intervalos ou interrupções. Foi verdadeiramente um espelho vivo da bondade do Senhor. Foi com essa bondade e paz interior que viveu e morreu o Sr. Pires”.

Os testemunhos de tantos irmãos coincidem em salientar a vida exemplar do Sr. Pires como sinal indicador de estrada para todos nós. Eis alguns: “Sempre vi

nele um irmão muito amigo, cheio de boas qualidades: piedoso, delicado, disponível, pontual, muito organizado e com muita competência nos seus trabalhos" (Sr. António Pedrosa). "Na sua qualidade de religioso, o que nele mais me atraía a atenção era o espírito de trabalho e de serviço aos outros, de rigor na observância religiosa e no desempenho dos diversos encargos assumidos, de discrição no agir dentro e fora do âmbito da vida comunitária. A arte por ele particularmente cultivada parece ter sido a de bem servir a comunidade sem dar nas vistas" (P. Amador dos Anjos). "Nunca notei nele atitudes de presunção, de soberba, de vingança, de auto-elogio. Sempre delicado, amigo de ajudar os outros..." (P. Manuel Agostinho Ferreira).

Neste sentido "exemplar" da figura do Sr. Pires para todos nós, gostaria ainda de salientar dois aspectos. O primeiro, a sua *vida de oração*, pessoal e comunitária. Não só pelo que se refere à sua pontualidade, compostura e devoção nas práticas de piedade comunitárias, que era evidente, mas pelo "sentido de oração" que envolvia toda a sua pessoa e que transparecia na sua serenidade e maneira de ser, assim como pelos "tempos fortes" que dedicava à oração. Quando de manhã, os irmãos chegávamos à capela, ele já levava um bom tempo com algum livro de leitura espiritual entre as mãos; atitude que se prolongava durante o dia com o rezo das três partes do rosário. Um segundo aspecto, é o *sentido apostólico*, como catequista paroquial durante tantos anos. Mesmo depois de se retirar como professor, continuou dando catequese com a mesma cuidadosa preparação, esquisita delicadeza e pedagogia prática que todos admiravam, até que as forças declinaram.

O testemunho extraordinário deste irmão paciente, trabalhador, piedoso, alegre, disponível, fica na mente de quantos o conheceram como estímulo a uma vida de fé e de amor aos irmãos.

---

Façamos memória agradecida deste nosso irmão Francisco Pires, cujo nascimento para o céu celebramos. Ele faz parte da nossa existência: acreditou no que nós acreditamos; trabalhou na mesma messe do Senhor e agora foi para a casa do Pai. Nós aqui sentimos profundamente a sua perda. Mas, à luz da fé, a morte não rompe os laços com o nosso irmão, simplesmente os transforma. Perdemos um irmão aqui na terra, confiamos ter mais um intercessor no céu!

Com muita estima e apreço, vosso irmão em Dom Bosco,

P. Valentín de Pablo  
*Delegado Salesiano*

Maputo (Moçambique), 25 de Setembro de 1997

---

Dados para o Necrológio:

**Francisco Manuel Pires, salesiano coadjutor**

Nasceu a 7 de Agosto de 1918 em Constantim, Miranda de Douro (Portugal).

Faleceu em Lisboa a 24 de Julho de 1997, com 79 anos de idade e 60 de profissão.